TECNOLOGIA EDUCATIVA PARA CONSCIENTIZAR SOBRE O MOSQUITO AEADES AEGYPTI EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE

Francisca Joselayne Vasconcelos Costa¹; Ionara Silva Almeida¹; Katia Alini Pereira Lima¹; Ruama Vieira Carneiro¹; Samyla Fernandes de Sousa¹; Valdeni de Souza Oliveira¹; Huana Carolina Cândido Morais²

¹Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá;
E-mail: joselaynecosta95@gmail.com

²Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá; E-mail: huanamorais@fcrs.edu.br

RESUMO

Nossa pesquisa vai de encontro a um dos maiores problemas da saúde pública brasileira, o mosquito *A. aegypti*, a sua disseminação está associada à globalização e às mudanças climáticas. O mosquito vem causando transtornos e preocupações para os brasileiros, uma vez que, é mais encontrado no meio urbano e permanece em contato constante com o homem. O inseto se tornou um eficiente vetor para a transmissão de doenças como Febre amarela, Dengue, Zika e Chikungunya. Atinge mais a população pobre, com ou sem nenhum saneamento básico no local onde vivem o que acarreta maior proliferação, por consequência os mosquitos que portam o vírus, irão contaminar mais pessoas, causando desconforto e potencializando os problemas de saúde pública. No presente estudo buscamos identificar a vulnerabilidade das Unidades Básicas de Saúde (UBS) da zona urbana do município de Quixadá para possíveis criadouros do mosquito *A. aegypti*. Pesquisa descritiva, na qual foi realizada uma vistoria para identificar os criadouros e desenvolvida uma tecnologia educativa para conscientizar sobre a situação das UBS visitadas. De acordo com os resultados obtidos, fica evidente que as UBS são locais propícios para procriação do mosquito *A. aegypti*, mostrando também a vulnerabilidade das unidades e o risco para a população e para os profissionais da área. É inquietante saber que nas UBS existem focos do mosquito e possíveis locais de criadores do mesmo, possibilitando maiores casos de notificação de pessoas contaminadas, deixando ainda mais alarmante o quão problemático a proliferação descontrolada do mosquito está se tornando para a saúde pública.

Palavras – chaves: Prevenção primária. Ambiente de trabalho. Educação em saúde.

INTRODUÇÃO

Hoje um dos grandes problemas da saúde pública brasileira está associado a um mosquito, originário do Egito, que se espalhou para continentes como África, Américas e Ásia, denominado *Aedes aegypti* (BRASIL, 2016). No presente estudo buscamos identificar a vulnerabilidade das Unidades Básicas de Saúde (UBS) para possíveis criadouros do mosquito *A. aegypti*. É oportuno questionar por que este mosquito é um dos problemas mais graves atualmente no Brasil.

A sua disseminação está associada à globalização e às mudanças climáticas favorecendo sua transmissão, o mosquito vem causando transtornos e preocupações para os brasileiros (RIBEIRO, 2006). O saneamento básico ineficaz, a falta de cuidados das pessoas influi para o crescimento abrangente do mosquito, e com isso as doenças que ele pode trazer. Para além

dessas questões, outro fator importante a ser observado é a falta de educação em saúde pela maioria da população e o descaso dos gestores públicos. De fato, a educação é uma forte arma no combate as doenças, não só as transmitidas pelo *A. aegypti*, mas tantas outras doenças que poderiam ser prevenidas a partir de cuidados básicos nas casas, ruas e bairros dos grandes e pequenos centros urbanos. Cuidados estes que até mesmo nas unidades básicas de saúde são negligenciados. Para saber quais são os cuidados básicos devemos conhecer mais sobre o mosquito.

Segundo o Ministério da Saúde o *Aedes aegypti* é um mosquito doméstico, vive dentro de casa e perto do homem, tem hábitos diurnos e alimenta-se de sangue humano, sobretudo ao amanhecer e ao entardecer. A reprodução acontece em água limpa e parada, a partir da postura de ovos pelas fêmeas. Os ovos são distribuídos por diversos criadouros – estratégia que garante a dispersão da espécie. Se a fêmea estiver infectada por algum vírus quando realizar a postura de ovos, há a possibilidade de as larvas já nascerem com o vírus – a chamada transmissão vertical (BRASIL, 2016).

O mosquito fêmea suga sangue para produzir ovos e quando infectado poderá transmitir alguns vírus neste processo. Em geral, mosquitos sugam uma só pessoa a cada lote de ovos que produzem. Apesar de ser capaz de picar mais de uma pessoa para um mesmo lote de ovos que produz (BRASIL, 2016). É mais encontrado no meio urbano e permanece em contato constante com o homem, o inseto se tornou um eficiente vetor para a transmissão de doenças como Febre amarela, Dengue, Zika e Chikungunya. É mais afetada a população pobre, com ou sem nenhum saneamento básico no local onde vivem o que acarreta maior proliferação, por consequência os mosquitos que portam o vírus, irão contaminar mais pessoas, causando desconforto e potencializando os problemas de saúde pública. De acordo com os números atuais, o *A. aegypti*, preocupa os brasileiros devido ao grande número de pessoas diagnosticadas com Dengue, Zika e Chikungunya.

A dengue é uma doença viral foi identificada pela primeira vez no país em 1986. Estima-se que 50 milhões de infecções por dengue ocorram anualmente no mundo, pode ser assintomática, leve ou causar doença grave, levando à morte. Outra doença transmitida pelo mosquito é a chikungunya que possui como principais sintomas a febre alta de início rápido, dores intensas nas articulações dos pés e mãos, além de dedos, tornozelos e pulsos. Pode ocorrer ainda dor de cabeça, dores nos músculos e manchas vermelhas na pele (BRASIL, 2016).

Outro vírus transmitido é o Zika, tem causado doença febril, acompanhada por discreta ocorrência de outros sintomas gerais, tais como cefaleia, exantema, mal-estar, edema e dores articulares. (VASCONCELOS, 2015). A infecção pelo Zika vírus instalou um caos na saúde pública mundial, pois vem sendo associado com casos de microcefalia, e devido à disseminação do problema os números de casos notificados de má formação aumentam a cada dia (FIOCRUZ, 2016).

É observada disseminação rápida do mosquito entre os locais urbanos, de forma que existe toda uma campanha de conscientização para combater o mosquito, promovida pelo Governo Federal e o Ministério da Saúde, trabalhando de forma contínua para eliminar possíveis criadores. Estratégias de educação em saúde são efetuadas para uma prevenção eficiente, possível com a eliminação de focos do mosquito e a conscientização da população, a fim de evitar as doenças transmitidas por esse vetor.

A educação em saúde acerca do *A. aegypti* é coordenada em grande parte pelas unidades básicas de saúde, entretanto as mesmas dificilmente são vistoriadas em busca de possíveis focos, tornando-as sujeitas a permitir favoráveis criadores do mosquito. É motivo de inquietação saber se os profissionais de saúde das UBS, junto com a gestão, estão dando devida atenção aos possíveis focos de criadouros do mosquito no seu ambiente de trabalho. Uma vez que a própria unidade pode estar sujeita a focos do mosquito e com isso favorecer a contaminação de mais pessoas, já que a população procura geralmente as UBS para conhecer

informações a respeito do combate do mosquito e para tratamento dos sintomas. Também é motivo de preocupação como os profissionais da saúde acolhem a diferença entre tratar e combater o mosquito, uma vez que esta última depende da força conjunta entre a população e os políticos.

Diante disso, todos os lugares são possíveis ambientes de contaminação e criadouros do mosquito *A. aegypti*, por isso será conduzida uma investigação nas UBS da zona urbana do município de Quixadá/CE para identificar possíveis focos do mosquito nas unidades. Como benefícios dessa ação espera-se favorecer a saúde da população atendida na UBS, como também melhorar a segurança e saúde dos profissionais de saúde que trabalham nessas instituições.

São objetivos desta pesquisa, identificar a vulnerabilidade das Unidades Básicas de Saúde para possíveis criadouros do mosquito *A. aegypti*; desenvolver uma tecnologia de educação em saúde sobre o *A. aegypti* para alertar os profissionais nas Unidades Básicas de Saúde, com o intuito de diminuir os possíveis focos do mosquito.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa descritiva, com desenvolvimento de uma tecnologia educativa. O eixo descritivo busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos (OLIVEIRA, 2011).

A pesquisa será realizada na zona urbana do município de Quixadá, que faz parte do semiárido nordestino e está localizado no Sertão Central Cearense. A cidade está situada a aproximadamente 170 km de Fortaleza e tem uma população estimada em 83.990 (IBGE, 2013). A zona urbana do referido município conta cinco equipes de saúde da família, onde será realizada a pesquisa.

Foram investigadas as cinco unidades básicas de saúde (UBS) da zona urbana do município. Para iniciar a coleta de dados, a secretária de saúde do município de Quixadá foi informada acerca dos objetivos da pesquisa e a mesma ocorreu somente após a autorização.

A pesquisa utilizou-se de uma vistoria realizada por agentes de endemias do município nas cinco unidades básicas de saúde, com o propósito de identificar a existência de focos do mosquito nas dependências das UBS. Depois foi construída uma tecnologia permanente para indicar a situação de cada uma das unidades quanto a identificação dos focos de proliferação do mosquito.

No dia da implantação da tecnologia foi realizada uma reunião com os profissionais que trabalham nas UBS, para apresentar a tecnologia permanente e suprimir alguma dúvida que tenha surgido.

A tecnologia educativa, considerada permanente, pois permaneceu nas unidades após a saída das pesquisadoras, seguia os seguintes passos: orientar e incentivar os profissionais a se preocuparem com os focos do mosquito no seu local de trabalho; utilização de cartazes com as cores vermelha, amarela e verde, nos locais onde foram identificados criadouros do mosquito.

De acordo com essa metodologia, a cor vermelha sinaliza a descrição “Perigo! Estou na área”, nas unidades onde foram identificados focos do mosquito; a cor amarela terá a descrição: “Cuidado! Passei por aqui”; enquanto as unidades onde não forem identificados focos do mosquito será empregada a cor verde e a seguinte descrição: “Zona livre, muito bem!”. Também serão expostas réplicas do mosquito confeccionadas com garrafas pets, criadas e elaboradas pelas pesquisadoras, para uma fácil identificação dos usuários e profissionais.

A análise dos dados da pesquisa se dará em dois passos: Apresentação do número de locais propícios para a proliferação do mosquito *A. aegypti* identificados nas unidades básicas

de saúde, e avaliação da resposta dos profissionais de saúde durante a implantação da tecnologia nas unidades.

Foram respeitados os princípios éticos quanto à pesquisa com seres humanos de acordo com a resolução 466/12, que considera o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção de vida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados obtidos, fica evidente que as Unidades Básicas de Saúde (UBS) são locais propícios para procriação do mosquito *A. aegypti*, mostrando também a vulnerabilidade e o risco para a população e para os profissionais da área. Durante a visita, junto com os agentes de endemias, identificamos nas cinco UBS, locais propícios para a procriação do mosquito.

Foi realizada a procura do foco de larvas do mosquito, em garrafas, copos descartáveis, lixo, fossas, esgotos, caixas d'água, geladeiras, baldes e entre outros locais que julgamos necessário serem revistados. Após, os locais foram sinalizados, com cartazes com as devidas cores, todos os locais observados que poderiam ou não serem considerados como um risco de proliferação do mosquito.

Na unidade 1, encontraram-se seis ambientes possíveis de criadores do *A. aegypti*, dois locais livres de contaminação e nenhum local contaminado. Na unidade 2, quatro locais contaminados, três possíveis locais de criadores do mosquito e apenas um lugar limpo. Na unidade 3, dois lugares possíveis para disseminação do *A. aegypti*, dois sem nenhum vestígio do mesmo. A unidade 4, quatro locais contaminados, dois possíveis e dois locais livres de contaminação. Por fim, na unidade 5, apenas um local contaminado e cinco locais de possíveis criadores do mosquito *A. aegypti* e dois locais livres de contaminação do mesmo.

A vulnerabilidade das UBS para possíveis criadouros do mosquito *A. aegypti*, favorece a contaminação de mais pessoas, já que as mesmas procuram as UBS para prevenção a respeito do combate do mosquito e para tratamento dos sintomas. É inquietante saber como os profissionais da saúde não estão cuidando do seu local de trabalho e não combatem o mosquito. Destaca-se que eles também podem ser infectados.

Em três unidades foram encontrados focos do mosquito, é notável a negligência dos profissionais de saúde e da gestão de saúde municipal, favorecendo ainda mais um ambiente com riscos de contaminação do mosquito. Em 3 unidades, foi identificado um ambiente de total descaso, instalações irregulares e ausência de saneamento básico. É necessário um maior envolvimento dos profissionais, da gestão e da população para melhorar as condições ambientais e sanitárias dos locais urbanos.

Quando foram apresentados os resultados da vistoria aos profissionais das unidades, muitos ficaram surpreendidos com a quantidade de locais contaminados e possíveis lugares para disseminação do mosquito. Destaca-se com isso, que profissionais e gestão desconheciam a situação do seu próprio local de trabalho.

É importante que os profissionais conheçam seu ambiente de trabalho, são necessárias formas preventivas para alcançar melhores resultados e eliminar todos os locais de contaminação e os possíveis criadores, assim favorecendo um ambiente saudável para os profissionais e a população, e assim ajudar a combater o mosquito *A. aegyptid*. A tecnologia implantada favorece essa conscientização e motiva o interesse dos próprios profissionais em combater o problema.

Chega a ser contraditório afirmar que uma unidade de saúde não é um ambiente saudável. Não esquecendo que os profissionais atuam em condições desfavoráveis, muitas vezes nem são devidamente amparados com os Equipamentos de Proteção Individual (EPI's), vale

ressaltar que essas unidades estão situadas em meio à população que não demonstra zelo e nem preocupação com as unidades, sendo as mesmas pessoas que utilizam dessas unidades aquelas que a tornam possíveis focos dos mosquitos.

CONCLUSÕES

É inquietante saber que nas UBS existem focos do mosquito e possíveis locais de criadores do mesmo, possibilitando maiores casos de notificação de pessoas contaminadas com dengue, chikungunya e vírus Zika, deixando ainda mais alarmante o quanto problemático o mosquito está se tornando para a saúde pública. Identificou-se que os profissionais de saúde estão descuidando de seu ambiente de trabalho, e a falta de atenção da gestão com as unidades.

Fato esse que necessita de atenção e cuidados maiores seja em práticas educacionais para uma maior conscientização dos riscos que mosquito pode trazer para a saúde dos profissionais e da população. É preciso refletir sobre a eficácia do combate ao mosquito, pois fica nítido que apesar das políticas públicas e campanhas de conscientização para combater o mosquito não são vistos resultados eficazes. Já que a cada dia cresce o número de pessoas com alguma doença transmitida pelo mosquito e os criadouros continuam a ser identificados nos locais que deveriam ser seguros.

Acredita-se que estratégias de educação em saúde direcionadas para a realidade das unidades devem ser executadas frequentemente para alcançar a meta de diminuir os casos das doenças associadas ao mínimo possível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Disponível em <combateaes.saude.gov.br/tira-duvidas>. Acesso em: 08 mar. de 2016.

_____. **FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz**: uma instituição a serviço da vida. Disponível em <portal.fiocruz.br/pt-br/content/estudo-analisa-possivel-relação-entre-o-zika-e-microcefalia>. Acesso em: 09 mar. de 2016.

_____. **Portal da Saúde**. Disponível em <portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/301-dengue/14610-curiosidades-sobre-o-aedes-aegypti>. Acesso em: 09 mar. de 2016.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão – GO: UFG, 2011.

RIBEIRO, A, F. et al. Associação de entre incidência de dengue e variáveis climáticas. **Rev Saúde Pública**, p. 2. São Sebastião – SP, 2006.

VASCONCELOS, P. F. C. Doença pelo o vírus zika: um novo problema emergente e na América? **Rev Pan Amaz Saúde**, 6 (2), p. 9-10. 2015.